

**As Mulheres da Lagoa da Paixão: A Luta da Mulher enquanto pessoa de referência de famílias em  
extrema pobreza e suas narrativas de sofrimento psíquico**

Claudia Rodrigues Sodré

Departamento de Psicologia

Universidade Católica do Salvador (UCSal)

Professora orientadora Dra. Silvana Maria Grisi Sarno

## Resumo

Esse trabalho se propôs a investigar e analisar a qualidade da saúde mental das mulheres participantes que compõem a ocupação da Lagoa da Paixão, bairro de Nova Brasília de Valéria em Salvador-Bahia, descrevendo fatores associados e desencadeantes de sofrimento psíquico. Para tal estabeleceu-se quatro objetivos específicos: Investigar a rotina das mulheres participantes em seu contexto de luta pela própria sobrevivência e da família; Descrever possíveis fatores associados e desencadeantes de sofrimento psíquico encontrados; Identificar o manejo utilizado pelas participantes para lidar com esse possível sofrimento; Avaliar as possibilidades de intervenção no campo da psicologia no sentido de prevenir e acolher o sofrimento das mulheres moradoras da Lagoa da Paixão. Para produção de dados a técnica escolhida foi a de estudos de caso múltiplos, realizado através de um questionário para identificação de dados sócio demográficos, e uma entrevista com questões semiestruturadas. As participantes foram seis mulheres maiores de dezoito anos, pessoa de referência no grupo familiar e moradoras da comunidade Lagoa da Paixão. A análise dos dados foi realizada através do método de análise de conteúdo que segundo Campos (2004) consiste em 1) Pré-exploração do material ou de leituras flutuantes do corpus das entrevistas; 2) Seleção das unidades de análise (ou unidades de significados) e 3) Categorização, neste caso optou-se por uma categorização não apriorística, que surge no contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa, nesse caso o pesquisador transita entre o material analisado e teorias embasadoras, além de priorizar os objetivos da pesquisa. O estudo demonstra que fatores como a história de vida, a falta de trabalho remunerado, a alimentação precária, a realidade dentro da comunidade, a saúde física, a falta de segurança diante do domínio do tráfico de drogas, são fatores desencadeantes de sofrimento psíquico e que o apoio mútuo entre as moradoras, o apoio de entidades que ensinam atividades que ajudam a melhorar a renda familiar são relevantes para as estratégias de enfrentamento das mulheres chefe de família. Essas constatações evidenciam a necessidade de uma intervenção de profissionais de órgãos como o SUAS e instituições da atenção básica à saúde junto a

essa população no sentido de compreender suas demandas oferecendo um serviço adequado para a melhoria da qualidade de vida dessas mulheres.

**Palavras-chave:** Famílias mono parentais; Pessoa referência do grupo familiar; Sofrimento psíquico feminino.

### **Abstract**

This work aimed to investigate and analyze the quality of mental health of the participating women who make up the occupation of Lagoa da Paixão, Nova Brasília de Valéria neighborhood in Salvador-Bahia, describing associated factors and triggers of psychological distress. For this purpose, four specific objectives were established: To investigate the routine of the participating women in their context of struggle for their own survival and that of their family; Describe possible associated and triggering factors of psychological distress found; Identify the management used by the participants to deal with this possible suffering; To evaluate the possibilities of intervention in the field of psychology in order to prevent and welcome the suffering of women living in Lagoa da Paixão. For data production, the technique chosen was multiple case studies, carried out through a questionnaire to identify socio- demographic data. and an interview with semi-structured questions. The interviewees were six women over eighteen years of age, a reference person in the family group and residents of the Lagoa da Paixão community. Data analysis was performed using the Content Analysis method, which according to Campos (2004) consists of: 1) Phase of pre-exploration of the material or of floating readings of the corpus of the interviews; 2) The selection of units of analysis (or units of meanings) and 3) Categorization, in this case a non a priori categorization was chosen, which arises in the context of the research subjects' responses, in which case the researcher transits between the analyzed material and supporting theories, in addition to prioritizing research objectives ( Campos 2004). The research shows that such as life history, lack of work, precarious food, the reality within the community, physical health, lack of security in the face of drug trafficking, are triggering factors paid for psychological factors and that the mutual support paid among the residents , the support of entities that teach activities that help to improve the family income are

relevant for the coping strategies of the female heads of the family. These findings highlight the need for an intervention by professionals from agencies such as SUAS and Primary Health Care institutions with this population in order to understand their demands for offering an adequate service to improve the quality of life of these women.

**Keywords:** Single parent families; Reference person of the family group; Female psychic suffering.

### Introdução

Ao pesquisar a literatura acadêmica, constata-se que Sofrimento Psíquico (SP) é uma expressão que abrange diversos aspectos, sob diferentes perspectivas e considera categorias importantes como gênero, classe, etnia e divisão do trabalho. Em seu artigo “Sofrimento, pobreza e desnutrição” Solymos (2011) garante que, mesmo considerando as situações estressantes como causadoras de SP, os elementos determinantes não estão suficientemente delimitados. Ainda neste trabalho, a autora especula se a superação desse sofrimento passa pela capacidade de reação do indivíduo em sua vulnerabilidade no contexto social em que está inserido.

Solymos (2011) traça um panorama histórico sobre a noção do SP enquanto um problema de saúde pública, demarcando uma trajetória que parte da segunda guerra mundial e da epidemiologia psiquiátrica moderna e classificando os estresses traumáticos ocorridos nessa época, como causadores de uma variedade de transtornos psiquiátricos. A relação entre estresse pós-traumático e SP aparece também em estudos realizados com a utilização de escalas de rastreamento que revelavam transtornos psicológicos não específicos. Nessas observações surgiam sinais e sintomas que se referiam a sentimentos ligados a medidas de autoestima, desamparo e desesperança, tristeza e ansiedade.

Segundo Solymos (2011), alguns pesquisadores compararam esses sentimentos aos achados de Frank (1991) sobre o que ele denominava de “desmoralização” e descrevia como: “... condição que se associava a uma variedade de problemas incluindo doenças físicas graves,

particularmente doenças crônicas, eventos estressantes da vida, transtornos psiquiátricos, e condições de marginalidade social como as experimentadas por ‘grupos minoritários’, pelas donas de casa e pelos pobres” (Frank & Frank 1991, como citado em Solymos 2011, p. 1).

Essa assertiva é constatada em minha primeira visita à ocupação da Lagoa da Paixão, quando vivenciei a angústia de uma das moradoras por não conseguir alimentar o seu filho. Ela confessava não ter alimento para aquela noite e que essa situação perdurava há dias, posso dizer que a dor dessa mulher foi contagiante. O olhar de um dos filhos que brincava correndo na rua como se tentasse esquecer o incômodo da fome, é indescritível.

A pobreza ainda representa um grande desafio para as Ciências Sociais. Mesmo com todo desenvolvimento tecnológico e científico, o fenômeno é comum a nível mundial, alcançando números alarmantes. Por isso muitos estudos se detêm a explorar as características, fatores determinantes e soluções para a diminuição do alcance da pobreza no mundo, buscando entender o sofrimento vivido por uma grande parte da população a que denominamos de pobres (Petrini, Moreira & Alcântara 2011, p. 262).

Dentro desse contexto, o presente estudo destacará o papel das mulheres que são chefes de famílias em situação de extrema pobreza. Sob esse viés, Lavinias (1996) coloca que a “feminização da pobreza” é um fenômeno contemporâneo que traz consigo duas especificidades relevantes: ser mulher e ser pobre. Essas duas características são centrais para o estudo aqui proposto, pois suscitam preconceitos ligados a sexo, cor da pele, relacionamentos conjugais instáveis, os desafios de ser mãe solteira no Brasil, experiências difíceis e potencializadas pela fragilidade financeira, constatações trazidas nas falas das entrevistadas, todas responsáveis por conduzir as famílias e consideradas a pessoa de referência do grupo.

Muitos estudos e pesquisas confirmam que nos últimos tempos as mulheres têm ocupado maciçamente a posição de provedoras das famílias, função que para ser desempenhada a contento, as induz a estar ausente de casa todos os dias. As mães, avós e esposas, não só provêm como também chefiam o núcleo familiar e os domicílios que são constantemente comandados por

mulheres (Carloto, 2005). Esse dado é evidente na comunidade investigada, onde o número de famílias chefiadas por mulheres é bem maior do que as que possuem um homem como responsável pelo grupo. Nessas famílias, Lavinias (1995) explica que o grau de vulnerabilidade aumenta, o que acontece, entre outros fatores, devido à discriminação do mercado em relação ao trabalho executado por mulheres, essa informação é reforçada pelos dados da PNAD que se referem ao período de 2001 a 2009 (Ipea, 2011).

Agravando essas estatísticas e considerando recortes como cor ou raça, as mulheres pretas ou pardas se envolvem mais com os cuidados de pessoas e os afazeres domésticos do que as brancas. Quanto à chefia familiar feminina, muitas vezes é compartilhada, ou seja, a posição de provedora pode acontecer em grupos que possuem o pai e a mãe, sendo assim, considera-se que a questão de gênero também é relevante para entender a dinâmica das relações trazendo uma melhor compreensão cultural, histórica, econômica, e das implicações sociais decorrentes (Silveira & Silva, 2013)

Importante ressaltar o conceito de "pessoa de referência" em substituição ao de "chefe do domicílio", introduzido pela Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD), que para tal, delega ao respondente da pesquisa a tarefa de nomear a pessoa, homem ou mulher, responsável pelo domicílio, mudança relevante para a perspectiva de gênero e a noção de chefia. Até então a matriz cultural dominante, poderia ser mais facilmente atribuída à figura masculina, marido ou pai (Ipea, 2011).

Ao conhecer a obra das irmãs religiosas da ordem: "Filhas do Calvário" através de uma colega de graduação, conheci a comunidade da Lagoa da Paixão, situada no bairro Nova Brasília de Valéria, Salvador-Bahia. Na ocasião era perceptível o estresse de mulheres pobres chefes de famílias, que lutavam pela própria sobrevivência, percebia-se ali uma angústia que sugeria um sofrimento psíquico provocado pela dificuldade em vivenciar as relações familiares e sociais. A rotina dessas mulheres é uma luta constante, intensa e difícil, que precisa ser empreendida e, implica muitas vezes em esquecer-se das necessidades individuais. Em contrapartida, parecia

haver um sentimento de solidariedade e reciprocidade entre as famílias, para suprir as necessidades diárias umas das outras, dividindo alimentos, remédios ou o que estivesse disponível, como doar um copo de feijão cru para uma vizinha, para alimentar um grupo de três filhos e uma mãe.

As políticas públicas como o Bolsa Família, agora Auxílio Brasil, que começou a vigorar a partir de 17 de novembro de 2021, e constitui a renda principal da maioria das famílias que habitam na Lagoa da Paixão, é mais um programa social de cunho essencialmente assistencialista, preocupado com necessidades mais básicas da população como a garantia da alimentação diária e despesas como luz e água. As demandas mais sutis, mas não menos importantes como as de gênero que deveriam ser priorizadas, continuam carentes de ações mais sensíveis e preocupadas com o fortalecimento das mulheres. Ao contrário disso, as políticas públicas de gênero costumam ser assistencialistas, agindo através de programas restritos a ajudas como a alimentar e de renda mínima (Silveira & Silva, 2013, pp. 122-137).

Reconhecendo a relevância do estudo sobre a luta da mulher enquanto pessoa de referência de famílias em extrema pobreza, o presente artigo tem o objetivo de problematizar sobre a qualidade da saúde mental dessas mulheres, a partir do relato das moradoras participantes que compõem a ocupação da Lagoa da Paixão, bairro de Nova Brasília de Valéria em Salvador-Bahia. O relato das participantes, descrevendo fatores associados e desencadeantes de sofrimento psíquico, poderá subsidiar o entendimento sobre importância e emergência de uma intervenção no campo da psicologia no sentido de prevenir e acolher o sofrimento das mulheres, especialmente aquelas moradoras de comunidades em vulnerabilidade social.

### **Delineamento metodológico**

Este trabalho é um estudo qualitativo, empírico e descritivo que parte da compreensão da realidade relatada e observada. Como método, realizamos um estudo de casos múltiplos considerado por Yin (2005) como o mais adequado quando são propostas questões de pesquisa do tipo “como” e “por que”. Para tanto, buscamos entender o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Ficou

constatado que essa abordagem aproxima o pesquisador da realidade observada (Fiterman & Moreira 2018, pp. 47-68).

### *Participantes*

Participaram seis mulheres chefe de família com idades entre 30 e 50 anos, moradoras da Lagoa da Paixão, localizada no bairro Boa Vista de Valéria em Salvador-Bahia, sendo cinco declaradamente as pessoas de referência e uma que divide esse papel com o companheiro. Os convites foram feitos para as seis respondentes através das irmãs da ordem religiosa “Filhas do Calvário” e aceito de pronto. As entrevistas foram realizadas em uma sala de aula da referida obra religiosa. No momento das entrevistas estavam presentes somente a entrevistadora e a entrevistada. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, para resguardar suas identidades adotamos nomes fictícios. Os encontros tiveram duração de aproximadamente uma hora, as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

### *Produção de Dados*

A produção de dados foi realizada inicialmente através de um questionário, com o objetivo de avaliar informações referentes ao perfil sócio demográfico das famílias como: idade, escolaridade, estado civil, número de filhos, nível de escolaridade dos filhos; o próprio grau de escolaridade; renda mensal familiar. Os dados demográficos referentes à etnia, idade, número de filhos e outros, foram de grande valia para comparações e validação ou não das hipóteses levantadas ao longo da pesquisa (Shaughnessy, Zeichmeister & eichmeister 2012). A entrevista semiestruturada tem como suporte dez questões norteadoras: Fale sobre a vida na comunidade da Ocupação da Lagoa da Paixão; Como você se sente vivendo nessa comunidade; Qual a atividade geradora de renda para o grupo familiar; Como é a vida escolar dos seus filhos e filhas; Quantas refeições vocês costumam fazer diariamente; Os moradores são assistidos por algum programa de saúde da família ou por algum trabalho social que as beneficie diretamente; Me fale sobre sua saúde em geral; Me fale da sua saúde mental; Qual

a sua expectativa com relação a uma assistência em saúde mental que possa atender às necessidades das mulheres da comunidade; Quais as suas expectativas com relação ao seu futuro.

### *Análise dos Dados*

Depois de concluída a produção de dados, estes foram transcritos na íntegra. Realizamos a análise de conteúdo, que para Campos (2004) não deve ser tão vinculada ao texto ou à técnica para evitar excessos na forma e privilegiar a criatividade e a capacidade intuitiva do pesquisador, e ao mesmo tempo não muito subjetiva a ponto de ideias ou valores próprios, levando o texto a meras confirmações. Sob essas premissas, a análise dos dados foi realizada seguindo a ordem dos objetivos específicos, primeiramente à investigação da rotina das mulheres participantes e como elas se situam lutando para sobreviver juntamente com seu grupo familiar; à descrição de possíveis fatores associados e desencadeantes de sofrimento psíquico; à identificação de manejos encontrados pelas participantes para lidar com os formatos de sofrimentos psíquicos e pôr fim à avaliação de possibilidades de intervenção no campo da psicologia no sentido de prevenir e acolher o sofrimento das mulheres moradoras da Lagoa da Paixão.

A partir do confronto das respostas das participantes com a literatura referenciada as inferências produzidas sobre o conteúdo lido foram embasadas nos pressupostos teóricos visitados em antemão a realização desse trabalho, levando em conta também as diversas concepções de mundo e situações concretas contidas nas entrevistas (Campos, 2004).

### **Considerações Éticas**

Esse projeto foi submetido e aprovado pela Plataforma Brasil sob número 58731622.1.0000.5628, de acordo com as normas da Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que fornece subsídios para a pesquisa envolvendo seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais, foram seguidos de maneira rígida.

## Resultados e discussão

### *Uma Luta Diária...*

As seis mulheres entrevistadas ocupam a faixa etária de 30 a 50 anos. Em relação ao estado civil, são três separadas e três casadas. Para três mulheres o grupo familiar é formado por cinco pessoas, para duas o grupo tem quatro pessoas e uma considera que três pessoas formam o grupo. Com relação ao grau de escolaridade, duas delas estudaram até a quarta série, uma até o nono ano, uma completou o ensino médio e duas somente aprenderam a assinar o nome. A idade dos filhos e netos variou de três a vinte e seis anos. Das seis entrevistadas, cinco sobrevivem do Auxílio Brasil e complementam a renda com atividades informais, uma delas recebe apenas o Auxílio Brasil. Algumas fazem atividades informais para aumentar a renda como reciclagem de lixo, venda de sucatas, e artesanato.

A falta de recursos financeiros necessários para uma sobrevivência digna é evidente na população ora investigada, e sobre isso Moura et al (2014), explicam que o conceito de pobreza presente em alguns estudos publicados, apresenta uma visão unidimensional monetária, ou seja, a pobreza é identificada apenas pela falta de dinheiro. Faz-se necessário incorporar a essa concepção, uma dimensão psicossocial que contemple questões do âmbito da saúde, habitação e padrões de vida e que, com o compromisso da produção de conhecimento da ciência psicológica, esse fenômeno seja compreendido de maneira multidimensional. Nas falas das chefes de família entrevistadas, isso fica bem claro, a falta de dinheiro é sim um grande entrave para sobreviver com um mínimo de dignidade, mas não é mais importante deles. Os autores acrescentam que mesmo numa abordagem mais abrangente da pobreza se desconsidera a relevância das dimensões psicológicas e sociais da situação de pobreza. Para eles "... esses aspectos estão manifestos em comportamentos, ideias e sentimentos reforçadores de submissão, alienação e resignação e também em fatores que prejudicam a capacidade de enfrentamento de situações adversas..." (Moura et al, pp. 341-352). Ao perguntar como era o dia a dia na ocupação da Lagoa da Paixão, algumas declaram:

*Como assim. . . O que é que a Senhora quer saber? (...) É . . . A gente fica mais assistindo tevê*

*né? (Risos) . . . como tem o projeto da horta, eu fiz a minha lá no meu quintal, é o que tem pra me distrair no momento. . . E fico mais em casa” (Amarílis).*

*É uma vida muito difícil primeiramente quando fui morar lá era um lamaceiro, assim... Sem água, sem luz, como a gente até hoje não tem água nem luz, a gente vevi de gato de poste, às vezes tá tudo aceso, às vezes tá tudo apagado, a gente consegue uma geladeirazinha quando descobre tá apodrecendo, a energia a Coelba descobre e corta às vezes (Dália).*

*O negócio é ficar dentro de casa mesmo, na televisão, desde 16 anos eu fico na frente da televisão. (Magnólia).*

Conhecendo o dia a dia na Comunidade da Lagoa da Paixão, algumas descobertas foram surpreendentes. A expressão “Eu fico mais em casa...” se repete em muitos momentos das entrevistas. As mulheres são impelidas a ficar em casa por diversos motivos, a falta de emprego, a dificuldade de ter onde ou com quem deixar os filhos menores, o medo do envolvimento dos filhos com o tráfico de drogas, principalmente os meninos, o medo de que as filhas sofram algum tipo de violência por parte dos traficantes. Observando a dinâmica da comunidade, as ruas estão constantemente vazias. A maioria dos moradores sempre dentro das casas, poucas crianças brincam do lado de fora. Perguntada sobre porque essas mulheres ficavam dentro de casa, Hortência, que figura como uma espécie de líder comunitária, disse que:

*Muitas delas não têm com quem deixar os filhos, não tem como deixar as crianças com qualquer pessoa . . . A minha vida hoje em casa é praticamente tomar conta da minha filha, tive um probleminha na vista e depois ficou difícil também conseguir outras coisas, então não posso deixar ela em casa sozinha principalmente porque é menina mulher e o índice violência é demais e a gente também não pode achar que só acontece na casa do vizinho, que não vai acontecer na nossa... Tem que tomar bastante cuidado no bairro que a gente mora (Hortência)*

Para passar o tempo dentro de casa, elas assistem à televisão. Apesar de não ter luz elétrica

as televisões funcionam através de “gatos” de energia arranjados pelos moradores da própria comunidade. Na impossibilidade de trabalhar para melhorar a renda familiar, as mulheres se mostram de certa maneira resignadas, elas alegam querer melhorar a vida da família, mas constatam que não há empregos, ainda que informais. Algumas complementam a renda fazendo faxinas que aparecem esporadicamente, outras vendem trabalhos manuais feitos em um serviço social realizado por uma organização católica que assiste a comunidade, algumas catam sucatas, essas são as atividades que figuram como complementares à renda do Auxílio Brasil. Além do desemprego, e de fatores como a falta de capacitação, baixa escolaridade, a falta de segurança e de creches para deixar os filhos menores, algumas delas são portadoras de doenças como hipertensão, diabetes, obesidade, dores crônicas e outras queixas.

*Sou diabética, sou hipertensa, tenho problema sério no coração já tive infarto, cheguei da rua tava me sentindo mal pedi para o pessoal falar baixo e aí depois não sei mais nada... Quando acordei já tava no hospital depois disso os seis meses eu perdi a visão fiquei com açúcar 320 em jejum fiquei bem ruim fiquei uns tempos na UPA. (Dália)*

*Eu tenho artrose, tem o glaucoma, tenho problema de gastrite que quando passa a hora de comer ataca. E aí tem dia que eu nem aguento sair, mas eu venho aqui porque as irmãs aqui ajudam. (Margarida)*

Pinheiro, Santos e Santos (2009) entendem que o funcionamento das relações do sujeito que sofre é uma questão essencial para o estudo da relação de comunidades expostas às vulnerabilidades em decorrência da situação de pobreza. Corroborando com Solymos (2011) os autores também atestam que a condição de pobreza extrema, apesar de não ser responsável direta pela vulnerabilidade social, aumenta a exposição ao SP. Essa afirmação é evidenciada no cotidiano das donas de casa entrevistadas. As dificuldades financeiras associadas a fatores como a falta de segurança, assistência precária à saúde, falta de saneamento básico, alimentação insuficiente para uma nutrição adequada são fatores provenientes da situação de pobreza extrema que mantém as famílias em situações estressantes.

*Fatores associados e desencadeantes de sofrimento psíquico*

Se a pobreza aumenta vulnerabilidade social, ser mulher potencializa essa posição, porque as famílias cuja chefia é feminina existem as responsabilidades não só pela manutenção do sustento, mas também outras tarefas domésticas como o cuidado com os filhos, o que as obriga a procurar trabalhos mal remunerados em tempo parcial ou intermitente, diminuindo a renda necessária para a subsistência da própria família (Carvalho 1998 p. 85, como citado em Pinto et al, p. 169).

*Eu me sinto uma guerreira né. Porque não é fácil sustentar duas crianças sozinhas... O pai deles ajuda quando que . . . Eu tô até correndo para entrar na justiça pra ele ajudar como é a obrigação dela . . . Como a tia deles às vezes fica com eles... Ela agora tá morando na casa da vó . . . Eu levo e ela fica. Meu outro filho também eu tenho problema com ele porque ele tem um problema de respiração tem sopro no coração depois de um tratamento no Martagão ele não tem mais crises, mas mesmo assim ainda Precisa de medicações faz uso de uma bombinha e eu vou vivendo a vida né. . . Pedindo força a Deus e vivendo. (Amarílis)*

*Como a gente depende de reciclagem . . . O lucro do cobre vale muito, mas é difícil, a latinha é mais e tem a quantidade de recicladores também, a concorrência da reciclagem tá muito grande, muita gente que não esperava um dia está na reciclagem, hoje está. A gente vê a situação de dificuldade e aí tem que recorrer à reciclagem, eu tento vender também um pouquinho outras coisas, aí eu entro no ônibus aí vejo que as pessoas não valorizam meu trabalho. . . Desço até triste (Violeta).*

As mulheres entrevistadas atestam que não é fácil chefiar a família e assumir tantas responsabilidades, e acrescentam características da própria comunidade que potencializam muito o sofrimento psíquico, isso fica claro na fala de Dália:

*A gente se sente assim bem porque tem um cantinho para morar, mas por outro lado é ruim por que nós estamos refém do tráfico. Se meu filho tiver uma briga dentro de casa quem vai resolver é o pessoal do tráfico, eles batem neles na nossa frente e não podemos fazer nada . .*

*. Eu não posso chegar assim . . . Educar um filho meu, eu tenho que falar de modo que não chame atenção deles (...) o menino não pode ficar caminhando para lá e para cá na rua, não pode jogar uma bola, se ele sair. Se foi para uma festinha da escola, quando tiver chegando aí já avisa logo, “Mainha tô chegando” e eu tenho que tomar conta . . . Não posso deixar ele à toa com medo de que o tráfico pegue leve e mate (Dália).*

A história de vida das participantes também interfere na maneira como cada uma reage às situações de estresse. Algumas vieram de contextos ainda mais difíceis do que o atual, abandonadas e muitas vezes abusadas pelos familiares, gravidez precoce ou indesejada, vítimas de violência doméstica de vários formatos. São vivências “...que não deixam marcas exteriores, mas sequelas profundas em relação à sua autoestima e à busca ou reconstrução de sua identidade como mulher, como cidadã e aos preconceitos decorrentes da relação de gênero...” (Pinto et al, 2011, p. 169).

*Morávamos no Garcia num barraco, aí a Conder cadastrou e a casa ficou o nome do meu irmão e quando eles vieram morar aqui eu fui parar no Juizado de Menores por causa de roubo, mas não foi eu que roubei não. Quando eu sai do juizado, eu fui morar com a baiana que eu considero minha mãe, uma coroa. Sai da casa dela porque o filho dela bebia queria bater nela eu não aceitava aí eu passei a morar na rua muito tempo, no Gravatá na Barroquinha. (Magnólia)*

A convivência familiar, é relatada como algo gratificante, mas paradoxalmente, ao trazer os detalhes dessa convivência, algumas mulheres apresentam narrativas de muito sofrimento. Violeta conta que há algum tempo está se sentindo muito deprimida, explica que fica tão desanimada que não tem vontade de lavar o cabelo. Em sua fala está muito presente a fome. Ela diz:

*Minha filha de 15 anos é um exemplo aliás, meus filhos são exemplos, ela me incentiva, ela me fala: Eliana vai cuidar do cabelo, vai cuidar de você. Aí eu choro, aí eu digo a ela que eu não tenho força. . . Meu esposo reclama comigo, o tempo todo incentivando a dar o melhor para ele, não só para ele, eu sei que não é só para ele, eu sei o que é ser dona de casa, sua esposa eu sei o que é ser mãe. . . Pode ser que nesse momento... (Violeta).*



emocionais “O Brasil, apesar de ser um produtor mundial de alimentos, até hoje não conseguiu estabelecer uma política pública que permita atender plenamente a este direito” (Rossanelli et al 2015, p.92). Dentro dessa realidade é dolorosa a postura assumida pela mulher, mãe e provedora diante da fome dos filhos. Sobre isso depõe Hortência:

*Eu cheguei época em que meu filho estava pequeno, eu tinha que escolher se eu comia ou dava para ele, eu dava para ele arroz branco cozido com açúcar. Eu levava 2, 3 dias com fome e dava para eles . . . Cheguei até a desmaiar de fome, mas hoje graças a Deus, não tô passando por isso totalmente. Antes de receber o bolsa família passava muita privacidade, fome . . . As pessoas às vezes criticam aqueles que bebem, chamam de “cachaceiros”, mas muitas vezes foram deles que me veio valia . . . Eu falava você me dá 50 centavos para eu comprar um negócio para meninos . . . E aí ia juntando comprava meio quilo de açúcar meio quilo de arroz . . . Minha filha mais velha falava toda hora tô dodói mamãe . . . Ela não tava doente, ela tava com fome, aí eu ficava com fome e dava para ela (Hortência)*

Diante da complexidade da experiência da fome, é difícil ter noção dessa sensação, é diferente de passar um período de tempo sem comer tendo a certeza de que haverá a saciedade. Sabe-se que é uma dor e que por ser complexa funcional e fisiologicamente, é possível inferir que a ‘dor de fome’ é incompreensível aos que não a vivenciam. Pode ser presenciada, mas não sentida. Em debilidade física e mental, o ser humano subalimentado tem prejudicadas suas funções orgânicas e aptidões para executar um trabalho regular (Rossanelli et al 2015, p.92).

#### *Estratégias de enfrentamento do Sofrimento Psíquico*

No sofrimento o mundo parece estar esvaziado de significados, nada parece ter sentido, há um excesso de necessidades, de faltas e desejos. A dor de viver remete a um estado de ausências. Há uma falta de sustentação para continuar existindo. Traz à tona um vazio do qual tenta-se escapar a todo custo. Por tudo isso o sofrimento causa uma espécie de tensão que exige uma resolução.

(Dantas & Tobler, 2003). As situações que trazem sofrimento ao indivíduo geralmente envolvem determinantes relacionados à conjuntura socioeconômica e política. Assim, cada sujeito responde de maneira diferenciada a essas situações. As características individuais e os significados que eles atribuem a cada acontecimento são de suma importância para determinar a maneira como cada um reagirá (Pinheiro, Santos & Santos 2009, p. 466).

Ao longo da pesquisa, fica evidente como são importantes as experiências vividas anteriormente, o abandono paterno, o desamor por parte da mãe, a falta de moradia digna, a fome, todos esses fatores podem ser indicadores das estratégias de enfrentamento encontradas por cada participante. Trazer à tona o quanto cada mulher referência de família em situação de pobreza extrema resiste, determinar os instrumentos de opressão que podem afetar mais a um grupo do que a outro quando o que está em jogo é a sua sobrevivência e a de sua família, não é uma tarefa fácil. Conseguir enxergar nesse caminho alguma tentativa de enfrentamento, aí sim é uma missão desafiadora.

No decorrer das entrevistas os desafios eram significativos, nas entrelinhas dos discursos pode-se, com muito esforço, visualizar algumas saídas encontradas, estratégias adotadas para enfrentar o próprio sofrimento e o de outras mulheres da comunidade.

*Eu tô falando a você, aqui a minha opinião, mas eu acho que serve para as outras também porque muita gente lá precisa. Eu consigo desenrolar, eu consigo colocar uma comida dentro de casa, tem gente lá que não consegue que não sai de casa, mais nova do que eu (Dália).*

A esperança de ser ouvida, de tornar visível seu sofrimento e quem sabe diminuí-lo, pode ser considerada uma estratégia, essas vivências de sofrimento psíquico e emocional revelam uma condição de gênero e, ao mesmo tempo, da violência estrutural de determinadas comunidades.

*Eu não quero só dinheiro, o gesto de atenção... É isso... Para me ouvir... Por isso que eu gosto daqui (da obra das irmãs) aqui a gente pode ouvir umas às outras. Em casa às vezes a gente grita, grita, grita, fala palavras absurdas e acaba que não conhece ninguém (Violeta).*

O desejo de ter uma família mais organizada, ainda que o grupo hoje represente uma sobrecarga para elas pode ser considerado um ponto de apoio. A relação com os vizinhos e amigos também funciona como apoio social importante para compartilhar as dificuldades cotidianas, os sofrimentos e acolher a dor. Para Pinheiro, Santos e Santos “A conversa com esses atores sociais, seja na porta de casa ou em locais de encontro, são possibilidades tanto de falar sobre o sofrimento, quanto de proporcionar momentos de prazer” (Pinheiro, Santos & Santos, 2009 p. 470).

*Eu quero casar e ter uma família, aproveitar cada minuto com a minha família, meu futuro é isso aparentemente pode ser besteira, mas para mim é grande coisa por que é uma grande alegria está em casa bem, para mim é isso (Violeta).*

Oportunidades de trabalho, ainda que informais, servem para melhorar a renda familiar e é uma maneira de se sentir útil, sair um pouco de casa e voltar levando melhores perspectivas para os filhos, a possibilidade de ir em frente, não estagnar, poder melhorar a própria qualidade de vida e da família, além de tudo aumenta a autoestima.

*Não quero mais ir para trás. Eu quero seguir em frente depois de ter conhecido o projeto... Eu estou fraca, é uma fraqueza, mas eu vou me erguer. Eu não tenho vontade de ficar como eu estou (Hortência).*

*Agora tem as irmãs que abrir a porta para vários tipos de curso artesanato curso de corte e costura, sabão, porta bijuterias, fazer sabão tem muitas que estão se preocupando com isso (Margarida).*

Alguns estudos defendem que as famílias monoparentais chefiadas por mulheres são mais hábeis na tomada de decisões e na superação de desafios (Yunes, 2001 como citado em Costa e Marra, 2013, p. 143). A exemplo do que constatamos nas famílias da comunidade da Lagoa da Paixão, há uma unidade familiar e um sistema moral bastante fortalecido ainda que em meio às circunstâncias desfavoráveis da vida dessas mulheres

#### *Possibilidades de intervenção da psicologia no acolhimento e manejo do SP*

As mulheres que moram as margens da Lagoa da Paixão demonstram claramente em suas

falas, o quanto são carentes de atenção à saúde, de educação, saneamento, nutrição, para citar necessidades básicas que deveriam ser garantidas pelo estado como determina constituição brasileira. São agravantes, como vimos ao longo do texto, alguns componentes de gênero, raça e classe. No decorrer da pesquisa, nota-se que o sofrimento psíquico é apresentado como um fenômeno multidimensional, cujos fatores determinantes se redesenham de acordo com variantes como história de vida e contexto socioeconômico. Ademais, na população observada, as situações estressantes aparecem também em função de carências mais sutis como sentimentos de baixa estima e pensamentos suicidas. Como relata Hortência:

*Era bom ter algum acompanhamento para elas, tem umas que se prendem muito dentro de si, próprias fica assistindo TV muito tempo dentro de casa pra tomar conta dos filhos... É isso, a gente precisa sair para rua para fazer algumas coisas, mas precisa ficar em casa por causa dos filhos. Tem algumas que você pergunta aí ela diz: "Eu não quero mais nada...", mas não é porque ela não quer, tem algo estranho... Ei olha eu aqui, tá conversando comigo, eu vejo que ela tá distante. Aí eu pergunto: você está aí? Aí ela dá risada. Começa a conversar. Fica pensando muito sobre os meninos, o que vai dar para ele. Ela fala de novo em vontade de se matar, eu digo: não, não faz isso não, olha seus filhos... A falta de perspectiva também né, de emprego. Uma mãe de família se vê com quatro filhos dentro de casa sem saber o que vai fazer para alimentar (Hortência).*

Infelizmente a vulnerabilidade feminina é uma realidade constatada e os psicólogos e psicólogas da atenção básica à saúde a identificam como reforçadora da necessidade de um atendimento responsável e imediato em saúde mental. Faz-se necessário investigar a escuta oferecida e entender se ela consegue estabelecer nexos entre o sofrimento psíquico e a desigualdade de gênero vivenciada pelas mulheres que chefiam famílias. O ideal é que o trabalho dos profissionais de psicologia da atenção básica funcione como vetor de identificação das formas mais comuns de expressão do sofrimento psíquico feminino, descobrindo como essas mulheres relacionam a

desigualdade de gênero com os processos de produção de saúde- adoecimento-cuidado (Franco et al 2020, p.12).

### **Considerações Finais**

O sofrimento psíquico é inerente à condição humana, presente em diversas sociedades e mais próximo dos mais vulneráveis, como no dia a dia das participantes deste estudo. Investigar as narrativas de SP das moradoras da Ocupação da Lagoa da Paixão, pessoas de referência das famílias que habitam aquele lugar, é um trabalho relevante que poderá ser de grande valia para pensar programas e políticas públicas que possam melhorar a qualidade de vida da comunidade. Chegamos a constatações importantes, como a noção de que a pobreza não é unidimensional, que não se trata apenas de ter ou não dinheiro, mas que é preciso olhar para esse universo com um olhar plural e generoso. As respostas trazidas nas entrevistas são impactantes, como uma mãe que expressa seus sentimentos ao ver seus filhos assistindo televisão para esquecer a fome: “eles ficam quietinhos, entendem, sabe que não tem condições mesmo... Não fica agressivo não... Brinca normal... Eles ficam assistindo para passar o tempo... Faz dever de escola para passar o tempo...” (Magnólia).

As participantes atestam ao falar sobre seu cotidiano, que fatores como a fome, a história de vida, a necessidade de atividades remuneradas, a convivência com a família permeada por diversos conflitos, a ausência de perspectivas para o futuro dos filhos, a falta de assistência à saúde mental, são determinantes de sofrimento psíquico diante dos quais, elas se sentem fragilizadas até para tentar estratégias de enfrentamento.

Os psicólogos e psicólogas possuem a tarefa de apurar o olhar e a sensibilidade para esse público de mulheres que realmente precisam de assistência. Essa preocupação pode também fazer parte, de maneira mais efetiva, da formação de novos profissionais de psicologia, compondo os estágios de graduação como também em projetos de pesquisa direcionados a populações mais carentes de assistência psicossocial.

As Unidades básicas de saúde já possuem alguns de profissionais da psicologia, mas ainda em número insuficiente. O Sistema Único de Assistência Social – SUAS - possui psicólogos e psicólogas

em suas equipes multiprofissionais, isso já é um começo. Mas é preciso uma maior dedicação à pesquisa para conhecer mais profundamente as demandas dos que não têm acesso a um atendimento terapêutico competente. Para isso é imprescindível considerar as especificidades dos sujeitos para que esses estudos sirvam de suporte para a elaboração de políticas públicas eficazes que beneficiem os mais pobres, como as mulheres que moram na beira da Lagoa da Paixão.

## Referências

- Campos, G. J. C (2004) Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Bras. de Enfermagem*, set/out; 57(5): p. 611-  
<https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>
- Carloto, C. M. (2005). A chefia familiar feminina nas famílias monoparentais em situação de extrema pobreza. *Virtual Textos & Contextos*, 4(2), 1-17  
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/994/774>
- Costa, Florença Ávila de Oliveira, & Marra, Marlene Magnabosco. (2013). Famílias brasileiras chefiadas por mulheres pobres e monoparentalidade feminina: risco e proteção. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 141-153.  
<https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/322>
- Dantas, M.A; Tobler, V.L. (2003) O sofrimento psicológico é a pedra angular sobre a qual repousa a cultura de consumo. *O Portal dos Psicólogos*.  
[https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0175](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0175)
- Fiterman, H. Moreira C. V. L. (2018) O pai na gestação, no parto e aos três meses de vida do primeiro filho. *Revista Latino-Americana*, 17(50), 47-68.  
<https://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682018000200047>
- Franco, da C. H. M. et al. (2021) Desigualdade de Gênero e Escuta Psi de Mulheres Atendidas na Atenção Básica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41.  
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003225110>.
- Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (28 de fevereiro de 2022)  
<https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/>
- Lavinas, L. (1996). As mulheres no universo da pobreza: O caso brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, 04 (02),464-479.  
[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026x1996000200012&lng=en&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026x1996000200012&lng=en&tlng=pt).

Moura Jr, James Ferreira, Cidade, Elívia Camurça, Ximenes, Verônica Moraes, & Sarriera, Jorge

Castellá. (2014). Concepções de pobreza: um convite à discussão psicossocial. *Temas em Psicologia*, 22(2), 341-352.

<https://dx.doi.org/10.9788/TP2014.2-06>

Pinheiro, M. C.; Lima S., N; Engrácia S. J. (2009). Discursos coletivos sobre sofrimento psíquico em famílias em situação de vulnerabilidade social *Saúde em Debate*. Centro Brasileiro de Estudos de Saúde. 33 (83), 465-473.

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406345800014>

Pinto, R. M. F. et al. (2011). Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social. *Serviço Social & Sociedade*. 105, pp. 167-179.

<https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000100010>.

Rossaneli, Caroline Filla et al. (2015). A fragilidade humana diante da pobreza e da fome. *Revista Bioética*. v. 23, n. 1

<https://doi.org/10.1590/1983-80422015231049>

Solymos B. M. G. (2011), *Sufrimento, Pobreza e Desnutrição*. In Sawaya, L. A., Peliano, A., Solymos B. M. G., Wanderley B. M. e Domene A. M. S.(Org), *Desnutrição, Pobreza e Sofrimento Psíquico* (1ª . ed., cap. 4, pp139-204) São Paulo, SP: Edusp

Shaughnessy, John J.; zechmeister, Eugene B.; zechmeister, Jeanne S. *Metodologia de pesquisa em psicologia*. AMGH Editora, 2012.

Silveira, C. E., Silva, M. F. S., (2013). *Chefia Feminina: Uma Análise Sobre a estrutura das famílias monoparentais femininas e a feminização da pobreza*. IV Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social 29 a 31 de maio de 2013 – Fortaleza, 122-137. [http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos\\_completos/69-17238-08072013-162104.pdf](http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17238-08072013-162104.pdf)

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. (3. ed.). Bookman.